

Seminário Internacional Petrobras de Eficiência Energética

26 a 28 de maio de 2008 – Rio de Janeiro

Transcrição editada do discurso do Presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli.

Bom-dia, diretora Graça, diretor Estrella, diretor Almir, gerente Mozart, senhoras e senhores!

Na preparação desta minha apresentação havia 27 páginas. Foram reduzidas para seis, de discurso. Eu não vou usar nada disso. Peço desculpas a quem preparou isto. Eu pretendo conversar um pouco com vocês e fazer algumas inferências ou especulações sobre o tema. Ousar-me como economista, e não como engenheiro, geólogo, para falar de um tema que é, por definição, multidisciplinar.

Se nós pensarmos um pouquinho, se pudéssemos voltar a 180 anos atrás, veríamos que, com certeza, a agricultura do mundo era muito menos rentável do que é hoje. A produtividade era muito menor do que é hoje. Com certeza, a produção de alimentos era muito menos rentável, do ponto de vista energético, do que é hoje. A produtividade agrícola, essa capacidade de com poucas pessoas, em pouco espaço, produzir o volume de alimento que nós produzimos hoje, decorreu nesses 200 anos de alguns fatores: em primeiro lugar, o grande fator é o conhecimento maior da própria botânica, da biologia, da genética, das sementes; portanto, o conhecimento maior da ciência agrícola, dos solos, da capacidade de plantar. Sem dúvida nenhuma que o conhecimento puro e simples tem um componente fundamental nesse aumento da produtividade, na relação dos seres humanos com a natureza. Mas um outro componente importante foi a possibilidade de transportar produtos agrícolas de áreas mais distantes para áreas mais próximas. A capacidade de levar o produto de uma região para outra e a possibilidade de complementar e corrigir falhas da natureza, com o uso de fertilizantes.

Tanto o transporte como os fertilizantes dependeram fortemente não apenas do conhecimento, mas da disponibilidade de hidrocarbonetos. Se nós olharmos para 200 anos atrás, e olharmos as condições das cidades, as condições de vida, entre outras coisas, a noite se impunha, a escuridão se impunha, e a vida se limitava aos momentos de luz. A iluminação faz parte da vida moderna. A iluminação chegou nas grandes cidades no último terço do século XIX, basicamente feita a partir do óleo de baleia, um animal que estava em profunda extinção, porque o crescimento da indústria do óleo de baleia era essencial para a iluminação das cidades, das casas e da vida moderna. Só foi possível ter a dimensão que é hoje se encontrássemos uma fonte iluminante distinta do espermacete do óleo de baleia, que era cada vez mais difícil, cada vez exigia mais atividades *off shore*, distantes, para produzir em longas

distâncias e trazer óleo de baleia para Londres, Nova Iorque e Leste dos EUA. A descoberta do querosene, a transformação do petróleo em fluido iluminante foi um elemento-chave da modernidade, do crescimento moderno. Se nós olharmos 200 anos atrás para as casas, para as construções, para os tipos de equipamentos usados na construção, e olharmos o que é usado hoje, nós vamos ver que grande parte desses equipamentos, grande parte desses produtos tem um componente fundamental relacionado com a existência e disponibilidade de hidrocarbonetos. Se nós olharmos para as roupas, se nós olharmos para os brinquedos, se nós olharmos para a vida, hoje, cada vez mais nós vamos identificar que a vida que nós conhecemos no século XXI não existiria; não seria a vida que é hoje se não tivéssemos petróleo barato e o gás natural barato durante esses 200 anos.

Sem o petróleo e sem o gás natural a vida moderna não seria o que é. E, mais ainda, vou ser mais ousado: sem o carvão, produzindo energia elétrica dominante nos países da Europa, particularmente, dos EUA e hoje da Ásia, a vida moderna também não seria o que é. Sem os combustíveis fósseis a vida moderna não seria o que é. Isso não quer dizer que as coisas sempre foram feitas da forma adequada. Para produzir os combustíveis fósseis vários crimes foram cometidos contra a natureza. Para produzir combustíveis fósseis vários impactos ambientais, extremamente grandes, foram provocados; e não somente isso, mas o volume e o desperdício no uso desses combustíveis, pelo seu preço baixo, levou a um crescente impacto e a uma crescente ameaça à vida natural moderna que nós temos hoje. O desperdício, a ineficiência, a incapacidade de utilizar de forma eficiente os recursos disponíveis que levaram à vida moderna podem significar uma ameaça concreta à continuidade dessa vida, num curto espaço de tempo.

O desafio que nós temos, portanto, é, de um lado, tornar mais eficiente o uso desses recursos, e, de outro, minimizar seus impactos ambientais no processo de produção e viabilizar a conservação de uso o máximo possível. Estes desafios nós todos temos como seres humanos: os impactos do uso dos combustíveis fósseis nas mudanças climáticas, os impactos do processo de produção dos combustíveis fósseis na natureza, e os impactos que hoje provocamos pelo preço dos combustíveis fósseis são elementos que a indústria e nós, que trabalhamos nesta indústria, não podemos desconsiderar. Portanto, este seminário, com o tema de eficiência energética tem todo o sentido, tem uma visão de sustentabilidade, uma visão de continuidade, uma visão de permanência de uma atividade que terá que sofrer alterações no modo de viver.

A sociedade vai precisar tomar consciência de que precisa se ajustar a uma nova etapa do seu desenvolvimento, onde o desperdício do uso desses combustíveis, que ficaram baratos, foram viáveis e viabilizaram a modernidade que conhecemos. A disponibilidade desses recursos e a disponibilidade que nós conhecemos da vida moderna, como a transportabilidade, como a mobilidade, como as facilidades que nós temos da vida moderna, a continuidade disso vai exigir mudanças. Os níveis de consumo vão ter que se alterar. Os padrões de construções vão ter que se alterar; os padrões de mobilidade vão ter que se alterar; a eficiência dos equipamentos vai ter que

aumentar; a utilização de menos componentes energéticos por unidade de energia produzida vai ter que alterar. E tudo isso vai exigir uma ação consciente, uma ação determinada dos diferentes agentes, para que se consiga conquistar esses benefícios num prazo que nós podemos considerar individualmente até longo, mas que é muito curto na história da humanidade. Nós precisamos atuar em um curto prazo, nós precisamos intervir em um curto prazo. É preciso alterar a eficiência dos nossos motores, é preciso alterar a eficiência de nossas cidades, é preciso alterar a eficiência de nossa agricultura, é preciso alterar a eficiência de nossos processos industriais. É preciso, portanto, ter mais eficiência no uso de um recurso que, se continuar a ser utilizado nas mesmas proporções, só vai agravar os problemas. A introdução de elementos que são economicamente viáveis, que possam ganhar ou vender menos traz inovações fundamentais na percepção desta indústria.

A idéia de que é possível, com o mesmo volume de vendas ter mais eficiência e, portanto, viabilizar novas atividades vai exigir de nós, que atuamos nesta indústria, que precisa ter recursos para investir, que precisa continuar produzido, vai exigir de nós criatividade, vai exigir de nós, ação.

Está nas mãos dos senhores e senhoras contribuírem nesta direção. É neste sentido que eu considero este evento, que é o terceiro que nós realizamos, um evento estratégico. Extremamente importante para a indústria, para a Petrobras, para o Brasil e para a humanidade. Parabéns, e o desafio é a nossa energia. Espero que os senhores e senhoras respondam a este desafio e contribuam para que a gente seja mais eficiente, consiga produzir de maneira menos impactante sobre o meio ambiente e consiga contribuir para que a sociedade utilize nosso produto de forma a mais eficiente possível, necessitando de cada vez menos unidades para obter os benefícios que obtém com o uso dos nossos recursos não-renováveis que produzimos. Bom trabalho!